

## Considerações finais

Luzia Aparecida Oliva dos Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, LAO. *O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 447 p. ISBN 978-85-7983-020-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto escolhido para a epígrafe deste trabalho chamou particular atenção pela metáfora formulada por Vieira em seu *Sermão do Espírito Santo* (1657), em que compara os homens a “estátuas de mármore” e de “murta”, evidenciando uma espécie de desconfiança no olhar direcionado às nações ameríndias. Com a engenhosidade que lhe é inerente, o sermônista teceu em torno dos povos indígenas do Brasil o significado contido no trabalho do jardineiro com a murta, uma planta que reserva a postura rebelde, em não permanecer estática, de acordo com a forma que lhe fora destinada. A imagem que se desprende da planta espraia-se sobre os que não se curvam aos conceitos impostos, retornando ao seu estado natural, cada vez que o trabalho catequético lhe parece afastado, ainda que temporariamente, e com a liberdade sentida nos hiatos da ação. O que Vieira imprime nessa translação de sentido eleva o aspecto negativo em relação ao homem natural, que não cristaliza os conhecimentos recebidos do colonizador, permanecendo ligado aos fios da ancestralidade.

A imagem da inconstância do homem americano, contida no sermão, pode ser lida pelos diferentes ângulos de figuração que os textos escolhidos apontaram no percurso da indianidade na literatura brasileira. O aspecto negativo atribuído pelo contexto da catequese possibilita perceber que o indígena brasileiro teve de lutar constantemente para resguardar o direito à permanência tribal. Assim, o movimento de ir e vir entre ser ou não ser índio na realidade histórica é impresso na literatura pelas duas forças, como entre a tesoura e o braço do jardineiro com os ramos da murta. Há que observar, no entanto, que a aparente facilidade com que os povos nativos fo-

ram submetidos ao jugo do invasor não resultou em ações de rebeldia, permitindo-lhes o retorno ao estado natural. Antes, percebe-se que os textos ficcionais e os relatos vincam o estado de destruição da cultura, degradada, paulatinamente, pelas investidas do poder instituído. A percepção de Vieira em relação à inconstância do indígena poderia ser interpretada, atualmente, como positiva, se considerada a atitude como defesa do *ethos*. No entanto, torna-se inválida, ou negativa, tanto no plano histórico quanto no literário, se considerados os resultados da inserção dos paradigmas eurocêntricos que impediram a cultura nativa de retornar ao seu estágio natural. Por mais constantes que tenham sido as tentativas de resistência do nativo, fica marcado o poder ditado pela colonização, que cerceia a ação do indígena e o desaloja de sua condição tribal ao instalá-lo na comunidade “civilizada”.

A partir da imagem construída pelo sermonista e da visualização do movimento oscilante da figuração entre os textos, apresentam-se, a seguir, alguns apontamentos que não pretendem sintetizar o estudo, mas assinalar os aspectos relevantes que ele permitiu suscitar pela leitura, no tocante à presença do colonizador na cultura local e o embate que se estabeleceu entre a resistência e a aceitação dos valores ao longo dos movimentos que o imprimiram conforme as respostas exigidas para cada época em que foram escritos.

O conflito entre os binários é entendido por Ribeiro (1996, p.213) como “problema de interação entre etnias tribais e a sociedade nacional, cuja compreensão é dificultada pelas atitudes emocionais que se tende a assumir diante dele”. Constituído na realidade literária, o trânsito entre o ser tribal e o ser nacional postula-se por meio das mesmas atitudes a que Ribeiro se refere no âmbito da etnologia, com algumas nuances diferenciadas em razão das articulações estéticas ambientadas em cada autor e alicerçadas a um macro projeto a que se inserem. Por esse viés, são perceptíveis, na literatura, as mesmas atitudes definidas por Ribeiro no trabalho etnográfico que desenvolveu ante as práticas indigenistas.

Dentre o conjunto de atitudes concebidas pelo etnólogo, encontra-se a *romântica*. Os textos selecionados neste trabalho, que abrigam esse conceito, delineiam o índio em sua característica original, ao qual devem ser respeitados os costumes e as crenças, resguardados seus direitos, e a ele dado o posto de célula inicial da cultura brasileira, como impresso nos textos indianistas de Alencar, de modo mais acentuado, em Gonçalves Dias e Bernardo Guimarães, com algumas linhas em transição. Embora preservacionista, no

entender de Ribeiro, tal atitude é permeada pelo processo de influir sobre a consciência de integração. Ainda que figure como ícone emblemático da nação, permanecerá como “outro”, construído como elemento nacional coletivo, e não incorporado como indivíduo, em relação ao negro e ao português, pois isso somente será aceito a partir de sua total desfiliação étnica.

Na atitude *indigenista*, definida por Ribeiro (1996) como *etnocêntrica*, o nativo é concebido como ser primitivo, portador de características alheias ao complexo cultural do invasor, o que move o desejo de assimilá-lo aos modos de vida alterno, como se revela nos textos iniciais, em que “a antropofagia, a poligamia e a nudez”, segundo o autor, foram considerados detestáveis – alvos, portanto, de erradicação, como se apresentaram na *Carta de Achamento*, de Pero Vaz de Caminha, nas *Cartas de Anchieta* e, em parte, nos *Sermões* de Vieira. Permeia-os o pensamento acerca da natureza e do homem americanos como uma imagem a ser ocultada, para justificar, assim, a adoção das formas eficazes a serem implantadas para esconder a manifestação natural do habitante. Abrigam-se, ainda, sob a ação missionária como canal de incorporação do índio, a qualquer custo, ao eixo dogmático cristão, e os visualizam como mão de obra, ao espoliarem suas terras, com o argumento de que os recursos seriam mais compatíveis com os ideais de progresso em mãos do colonizador do que nas mãos dos que as ocupam.

Revestidos de atitude *indigenista*, com *ênfase à realidade social e imediata*, são os textos que arquitetam a trágica experiência brasileira de compelir o índio a abandonar os costumes tribais, suas crenças, interferindo no aspecto funcional dos elementos culturais, sua organização interna e sua interdependência. Sob essa concepção residem as consequências da presença do poder constituído sobre os territórios indígenas, tornando irreversível a manutenção do *ethos* tribal, uma vez que a inserção de novos valores conduz ao colapso e, conseqüentemente, à perda da capacidade de interação intertribal ou com a própria comunidade que discrimina o nativo racial e culturalmente, tipificando-o como inferior. Um dos autores em que os conflitos procedentes da intervenção missionária se manifestam é Basílio da Gama, em *O Uruguai*, em que as imagens são expostas no massacre dos Sete Povos das Missões. Essa fonte imagética inaugural, que traz o índio submetido e, ao mesmo tempo, portador de uma força cultural significativa, foi, posteriormente, no romantismo brasileiro, redirecionada na sua indicação como representante étnico do brasileiro nato.

A negação dos valores fundamentais, envolvidos nessa relação, causa efeitos incalculáveis no que diz respeito aos estereótipos formados a partir das ações tradicionais que as etnias sempre tiveram como certas e das sanções que recaíram sobre elas como reprováveis. Entre a fronteira extrativista, pastoril ou agrícola e o convívio com as etnias construiu-se uma muralha de preconceitos, tingida de um repertório de alusões aos índios, descritos como bichos mais que como seres humanos, traiçoeiros, preguiçosos, violentos, infantis, dentre outros adjetivos que passaram a ser utilizados diante de qualquer procedimento discrepante do habitual por qualquer nativo.

A imagem tecida na atitude *indigenista*, de *visada crítica*, projeta, com mais intensidade, o índio como um não índio, desagregado da herança étnica pela assimilação na comunidade nacional, que não ocorre de fato, por ter os alicerces postos na força de trabalho, enquanto o modo de viver e ser dos nativos não são valorizados, desviando sua atenção à prática de resistência ante os que o escravizam de forma pessoal. As compulsões a que é submetido levam à transfiguração da indianidade, ainda que persista a condição de índio, como é figurado no texto de Guimarães Rosa. É relevante, também, em Antonio Callado, Darcy Ribeiro e Cavalcanti Proença, nos quais a problemática da transformação radical da cultura dá-se pelo viés da expansão econômica. A transfiguração leva à ruína da consciência do *ethos* específico, que, decomposto, cede lugar a uma nova mentalidade, ligada à sua condição aculturada, ainda que resista à condição étnica inicial pelos fios cristalizados no grupo. Explica-se, com isso, o trânsito entre a indianidade e a brasilidade impresso na designação “caboclo” que se constituiu em determinados locais. O caboclo, como se percebe em algumas personagens de Darcy Ribeiro, por exemplo, é visto como índio totalmente destribalizado, de remota origem, propenso à inserção à comunidade nacional, por ter sido isolado de sua vinculação tribal e por negar sua condição indesejada de “outro”, quando referida a etnia.

O único vínculo que unifica o índio transfigurado ao seu grupo é o conjunto de mitos e crenças, dramatizado nas ações alegóricas de seus heróis, que responde às questões de representação de sua especificidade de povo distinto de outros, como também à justificação de formas de comportamento que legitimam a eficácia dos ritos e cerimônias narrados desde os ancestrais. Apesar da contradição com a realidade vivida após o impacto com a civilização, é possível perceber que a preservação das tradições míticas

contribui para explicar as novas situações do mundo, uma vez que as condições étnicas anteriores foram transformadas. Dessa maneira, ao responder às novas indagações postas pelo invasor, os temas da mitologia indígena encontram variações comuns nos mitos alternos, unindo personagens que oferecem respostas às experiências atualizadas. Mesmo com o repertório alternativo, o mito caracteriza-se como legitimador da conduta, elemento que cristaliza a atitude indagativa diante das novas situações que exigem a confirmação do conteúdo antigo. Visto por esse viés, o mito localiza-se no ponto final da transfiguração étnica, quando só resta ao índio a tentativa de retorno à consciência tribal, que já não é mais possível, em função do acerramento da civilização, que o rejeita como igual.

Desempenhando o papel de realidade poética, a figuração da cultura por meio da atitude *mítica* recria um passado que não existe, mas que poderá vir a ser pelo princípio da contradição, visto que a imagem ajusta os tempos entre a experiência amarga de não ser índio e a remota origem recordada. Os textos de Mário de Andrade, Bopp e Rosa, dentre outros, são os que engendram, de maneira mais acentuada, a temática do retorno às origens, salvo as escolhas simbólicas que cada autor manipulou para revelar a dinâmica interna da figuração, ao desatar os nós em que o índio está preso entre o espaço de um ser aculturado e o da permanência como índio tribal. A realidade figurativa apreende e transubstancia o que a realidade histórica impõe: a única saída que os grupos aculturados veem é a de se mimetizarem em “não índio”, até que não sejam denunciados. O *corpus* escolhido nesse percurso cumpre com o ideário de revelar a realidade nacional pela elaboração estética, e o faz exigido pelas mudanças de comportamento e pela maneira pela qual fora captada como objeto artístico, tal como a metáfora impressa na ação da murta, que, a um descuido de seu opressor, toma novas formas. Assim, a inconstância presente nas ações de personagens individuais e coletivas figura, em quadros diferentes, a constante disposta no percurso dos textos, que é tornar perceptível o contorno dado ao nativo em relação a seu alterno e a tentativa reiterante de se autopreservar.

A esta altura dos apontamentos, é necessário visualizar o papel da literatura brasileira na constituição da imagem do índio no percurso estabelecido por este trabalho. Primeiramente, não se teve a pretensão de eleger esta ou aquela obra como mais ou menos importante esteticamente, dentro do conjunto, pois o lugar que cada uma ocupa representa não apenas o índio

como tema ou como assunto de determinado autor, mas como um dos elementos fundamentais de um projeto estético. Assim, coube selecionar um *corpus* em que a figura do nativo propiciasse um diálogo articulado entre os textos, sem a preocupação de ser apenas diacrônico. Justifica-se, por esse viés, a presença de Gregório de Matos e Oswald de Andrade juntos num dos capítulos, pela dinâmica estabelecida na apropriação do elemento local, aproximada pela atitude antropofágica inerente, ainda que afastada historicamente. O que os torna fundamentais nesta leitura é a maneira como o tema foi manipulado para dar vazão a um determinado projeto, como se pode observar, também, entre o índio constituído pelo barroco de Antonio Vieira e o de Gregório de Matos, ambos localizados na mesma esfera estética e pautados pelas diferentes maneiras de representá-lo.

O *corpus*, assim observado, permitiu constituir outro diálogo entre a literatura brasileira e a fortuna crítica, consolidada como instituição reveladora dos matizes impressos. Ambas tecem os fios de sustentação do objeto principal da leitura, na qual o índio é delineado a partir de denominadores comuns em alguns casos e de caracteres adversos noutros, e deságuam no mesmo manancial da nacionalidade ou da formação do povo brasileiro. Ao estabelecerem esse canal, também fazem o percurso da figuração do nativo, ao vê-lo por diferentes ângulos. Assim, da *Carta* de Pero Vaz de Caminha ao texto de Guimarães Rosa percebem-se as nuances de construção do idílico, do romântico e do destribalizado, alinhavados por vozes múltiplas, como personagens, narradores, autores implícitos e a crítica interpretativa. No entanto, a voz do índio propriamente não é ouvida, raras vezes insinuada pelo contexto, por necessidade do enredo ou para preencher uma lacuna. O texto que revela maior proximidade com o nativo é o *Meu tio o Iauaretê*, de Guimarães Rosa, estabelecendo, por meio do mito, a possibilidade de devolver ao nativo sua identidade pela voz.

É o que aponta o percurso feito, mas não resolve a questão da formação da identidade nacional, pois Rosa é o limite entre os autores modernos e outros poderiam fazer de forma diferente. Assim, fica suspensa a imagem do índio na literatura, uma vez que a figuração oscila entre as demandas ideológicas, históricas e estéticas, e não traça um perfil nítido, justamente pelo caráter híbrido da cultura brasileira, multifacetada em sua constituição. O índio transitará, sem dúvida, pelos textos literários, com formatos diferenciados, tal qual irá se configurando a própria literatura ao cumprir seu papel

de “sistema simbólico”, como aponta Candido, e da crítica, ao desempenhar a função de interpretar as novas faces construídas. Pela perspectiva das vozes, manifestadas pela linguagem literária e pela crítica, espera-se que o *corpus* aqui apresentado contribua para a compreensão da literatura brasileira em seu matiz plural e mestiço, não permitindo o esgotamento do assunto nesse exercício.